

# Futuro da comunidade Nikkei brasileira

1. Pertencço à geração que nasceu alguns anos antes da Segunda Guerra Mundial. Sou de 1936. Os fatos que vivenciei são os do pós-guerra, pois já iniciando o curso ginásial comecei a ter condições mínimas para entender os fatos.

Nessa condição, isto é, de pessoa que é partícipe e testemunha dos fatos ocorridos ao longo da presença dos imigrantes japoneses no país (a imigração foi iniciada em 1908), pelo menos nos últimos cinquenta anos, que vou tecer considerações sobre o tema futuro da chamada “comunidade *nikkei*” no Brasil. A tarefa não é muito fácil, pois vários fatos são interpretados pela ótica de quem os vivenciou e sofreu, imediata ou mediatamente, os seus reflexos, e sem ter uma distância histórica suficiente que permita uma análise isenta, mais

abrangente e desprovida de elemento emocional. Mas, por outro lado, essa proximidade traz as vantagens consistentes em conhecimento direto dos fatos e em possibilidade de análise deles pela ótica privilegiada de quem teve a oportunidade de senti-los em toda a sua extensão, ao longo dos anos, e não de modo fragmentário.

O transcurso de mais de cinquenta anos certamente propicia uma distância histórica suficiente para a análise mais isenta dos fatos mais antigos. A dificuldade maior está nos fatos que estão ocorrendo mais recentemente, como o fenômeno *dekassegui*, que seguramente constitui um fato superveniente que terá influência muito grande na problemática do “futuro da comunidade *nikkei*” no Brasil e também no relacionamento entre Brasil e Japão.

B

r

a

J

s

a

i

p

l

ã

o

2

2. Dentre os vários fatos ocorridos ao longo de quase nove décadas da imigração japonesa, o mais notável, em meu sentir, é a transformação por que passou a chamada "colônia japonesa".

Na fase anterior à Segunda Guerra Mundial, a "colônia japonesa" tinha uma existência sociológica concreta, que reunia pessoas que tinham projetos pessoais semelhantes, interesses econômicos compatíveis entre si e apresentavam necessidades pessoais e sociais comuns, além de afinidades decorrentes da identidade racial, cultural, de hábito e de tradição. Era o tempo em que a maioria dos imigrantes japoneses, à semelhança do que ocorria com os imigrantes de outras procedências, pretendia fazer fortuna razoável e retornar com sua família ao país de origem.

Porém, com o término da guerra e a derrota do Japão (fato que levou algum tempo para ser totalmente assimilado pelos imigrantes japoneses - a respeito da divisão da "colônia" logo após a guerra, o livro *Uma Epopéia Moderna - 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, Hucitec, 1992, traz uma preciosa descrição e análise do fenômeno), começou a se operar, lenta e consistentemente, a grande transformação da chamada "colônia japonesa". Da realidade sociológica que era até então, expressão de um grupo étnico-cultural minoritário, passou a se operar sua integração na sociedade brasileira, assimilando valores sócio-culturais desta e participando ativamente da economia nacional, em quase todos os setores. É a fase em que, aceitando a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, resolvem os imigrantes japoneses, muitos deles com os filhos em cursos secundários e universitários, adotar o Brasil como sua pátria, aqui fixando a residência de toda sua família, com ânimo definitivo.

Ocorre, nesse instante, o notável fenômeno da transmutação dos imigrantes japoneses, independentemente de sua nacionalidade e da consciência da opção que estavam a fazer, em BRASILEIROS. Passaram eles a viver voltados para o Brasil, embora com a preservação dos valores éticos, sociais e culturais japoneses.

O fenômeno ocorre entre o final da década de 40 e ao longo da década de 50. A decisão é tomada por alguns mais rapidamente enquanto outros levam mais tempo

para adotá-la. Até o final da década de 50, porém, estava concluído, em meu sentir, o fenômeno do "abrasileiramento" da totalidade dos imigrantes japoneses.

Inicia-se, então, a grande tarefa de educar os seus filhos (niseis) segundo o modelo brasileiro, para que pudessem eles viver no Brasil em nível social mais elevado que o deles (não raro se ouvia um imigrante dizer que ele próprio está vivendo à custa de "enxada", mas seus filhos, pelo menos um representante deles, ordinariamente o mais jovem, viveriam à custa de "caneta"). E nesse mister mostraram eles competência e seriedade, empenhando todo o esforço e total sacrifício, o que os fatos posteriores, com inúmeros niseis concluindo cursos universitários e passando a atuar nos mais variados segmentos da sociedade brasileira, puseram bem à mostra.

3. A integração à sociedade brasileira e a assimilação dos valores sócio-culturais pelos imigrantes e seus descendentes tiveram, para alguns analistas, um ritmo lento em comparação com outras imigrações.

Ocorre, todavia, que a análise mais detida do fenômeno revela um fato surpreendente. O exame isolado da integração-assimilação dos isseis (imigrantes) conduz a um ritmo. Mas, os nisseis (2ª geração - filho), sanseis (3ª geração - neto) e yonseis (4ª geração - bisneto) apresentam ritmos diferentes, que se diferenciam de geração para geração, sendo mais veloz nas gerações mais jovens.

4. Informa Katsunori Wakisaka, vice-presidente e pesquisador do Centro de Estudos Nipo-brasileiros, que os sanseis representam 41,35% da população *nikkei* e o casamento inter-étnico (*nikkei* x não-*nikkei*) atinge, hoje, o percentual de 45,9%, de que resulta a miscigenação da ordem de 27,3%. Esses dados e os demais elementos levantados conduzem à conclusão de que "a consciência de identidade" dos integrantes das comunidades *nikkeis* "vai diminuindo de forma acelerada" (in *Boletim Informa*, nº 1, do Centro de Estudos Nipo-brasileiros, 1994, AGT).

5. Sussumu Miyao, diretor-executivo e também pesquisador do Centro de Estudos Nipo-brasileiros, em artigo intitulado "Novo

Enfoque no Exame da Comunidade Nikkei”, menciona dados semelhantes. Anota que, se a miscigenação na segunda geração é da ordem de 6%, na terceira o percentual sobe para 42% e na quarta geração atinge o índice de 62%, e acrescenta que a “tendência, certamente, se acentuará com o correr do tempo, pois os casamentos inter-étnicos (*nikkei* x não-*nikkei*) já alcançam a média geral de 46% para o território nacional”.

Indaga, a partir desses dados, que acepção tem hoje a expressão “colônia”. Assevera que a chamada “sociedade *nikkei*”, “como um conjunto social” compreendendo 1 milhão e 228 mil imigrantes e seus descendentes (conforme o estudo populacional feito pelo Centro de 1988), é um “mero nome, que não tem qualquer realidade existencial”. Já a expressão “colônia” é algo mais restrito, que abrange no máximo um terço da população mencionada (o cálculo é feito com base no levantamento referido), o que dá um total de cerca de 400 mil *nikkeis* “fazendo parte, de alguma forma, de organizações ou entidades de origem *nikkei*” (in *Boletim Informa*, nº 1, do Centro de Estudos Nipo-brasileiros, 1994, AGT).

6. Hoje, com mais de 150.000 *dekasseguis* no Japão, o cálculo de Sussumu Miyao deve ser reformulado. E também o tempo decorrido, de sete anos entre a pesquisa e a presente data, pode ter provocado modificações.

7. O que constitui uma incógnita é a influência que a cessação do movimento de *dekasseguis* - se é que a cessação um dia ocorrerá - e o retorno da maioria desses trabalhadores ao Brasil provocarão no quadro acima descrito.

Seria desejável que todos esses trabalhadores no Japão, além de conhecimentos técnicos relacionados à área de seu trabalho, assimilassem também a cultura japonesa e, ao retorno, pudessem transmiti-la à sociedade brasileira.

O excesso de trabalho e a falta de domínio da língua japonesa por uma parte significativa dos *dekasseguis*, ao que tudo indica, está se constituindo em grande obstáculo à assimilação dos valores culturais japoneses. Mas, certamente, muita coisa eles trarão ao seu retorno. Da mesma forma, embora de

maneira não programada, estão apresentando à sociedade japonesa alguns valores culturais brasileiros.

8. Em suma, não existe uma “comunidade *nikkei*” no Brasil que seja abrangente da totalidade dos imigrantes japoneses e seus descendentes.

Dos descendentes de imigrantes japoneses, hoje cerca de 400.000 são mestiços. De sorte que, na análise pelo aspecto racial, esse número seria deduzido do total geral da chamada “comunidade *nikkei*”. E pelo aspecto cultural, de hábitos e tradições, esse número se reduziria bem mais, pois não são muitos os “descendentes” que procuram preservá-los.

9. Em meu modo de ver, os *nikkeis* são brasileiros em todos os sentidos, embora com fisionomia diferente. Mas, acaso, que cara e que cor teria um “autêntico” brasileiro? Seria branco, preto, amarelo, mulato, vermelho ou mistura de todas essas cores? Teria cara de italiano, árabe, africano, português, espanhol, americano, russo, chinês, japonês, ou a combinação de todos eles?

E a chamada “comunidade *nikkei*” nada mais é do que um segmento da sociedade brasileira. A característica da sociedade brasileira, que se move à base de força centrípeta, atrai tudo e todos para o centro, inclusive a “comunidade *nikkei*” (a respeito, tive a oportunidade de tecer considerações no trabalho intitulado “Intercâmbio Cultural entre Brasil e Japão: Perspectiva de um Brasileiro Descendente de Imigrantes Japoneses” -in *Dialogo*, América Latina y Japón, Simposio sobre Intercambio Cultural, Japan Foundation, 1979, pp. 56-67).

10. Assentadas essas premissas, a conclusão que delas extraio é no sentido de que a preocupação que devemos ter é muito menos com o futuro da “comunidade *nikkei*”, pois isso seria considerar apenas um segmento da sociedade brasileira, e sim muito mais com o futuro da cultura japonesa, assimilada e preservada por *nikkeis* e não-*nikkeis*, como um dado elementar da própria cultura brasileira, que é formada pela contribuição de imigrantes e descendentes de um número grande de países, e diz respeito à nossa sociedade como um todo.